



Bluménau *em Cadernos*

TOMO X



AGOSTO DE 1969



Nº. 8

CANTO DOS COOPERADORES

ESTA PUBLICAÇÃO PODE SOBREVIVER
GRAÇAS À GENEROSA CONTRIBUIÇÃO
DOS SEGUINTE COOPERADORES:

Fábrica de Gazes Medicinais Cremer S/A.

Centrais Elétricas de Santa Catarina S/A.

Indústrias Têxteis Comp. Hering S/A.

Dr. Henrique Hacker — Blumenau.

José Sanches Júnior — S. Paulo.

Prefeitura Municipal de Blumenau.

Companhia de Cigarros Souza Cruz

Empresa Industrial Garcia S/A.

Arthur Fouquet — Blumenau.

Tecelagem Kühnrich S/A.

Eletro Aço Altona S/A.

Blumenau

em Cadernos

TOMO X - ★ AGOSTO DE 1969 ★ - N.º 8

BLUMENAU HÁ CEM ANOS ATRÁS

A Colônia Blumenau completava 20 anos de existência. Os primeiros 10 anos (1850 - 1859) passaram-se como colônia particular. Os outros dez anos (1860 - 1869) foram de colônia oficial.

O que foi realizado nesses vinte anos de existência, demonstra o quadro seguinte que foi organizado de acordo com os livros, papéis e documentos do Dr. Blumenau.

Imigração em 1869: 979 pessoas. Da Alemanha, 977. Da Áustria e da Suécia, 2. Compunham 204 famílias com 845 membros e 131 solteiros, maiores de 18 anos. Do sexo masculino, 511; do feminino, 468. Católicos, 13; protestantes, 966. Até 10 anos de idade, 295; de 11 a 20 anos, 165; de 21 a 50 anos, 507; de mais de 50 anos, 12 pessoas. Nascimentos, 249; óbitos, 116. Casamentos, 73 (11 católicos e 62 protestantes).

População: 5.985 almas, espalhadas por 1.240 famílias. Do sexo masculino: 3.049 e do feminino 2.935. De idade até 10 anos, 2.089; de 11 a 20 anos, 1.098; de 21 a 50 anos, 2.798 e de mais de 50 anos, 164. Católicos, 1.033. Protestantes, 4.951. Judeus, 1.

Total dos habitantes de 1850 - 1859: 947

Total dos habitantes de 1860 - 1869: 4.511

1850 - 1869: 5.458

Diferença entre nascimentos e óbitos.

(1.306 nascimentos e menos 420 óbitos) 886

Flutuante (brasileiros, trabalhadores, etc.) 240

6.584

Migração: 1850/1859: 277; 1860/1869: 322 599

Total da população em 1869 5.985

A área da colônia, quando, em 1850, passou para o domínio do governo imperial, era de, mais ou menos, 23 $\frac{3}{4}$ léguas quadradas, ou seja, 1.034 quilômetros quadrados. De 1860 até 1869, havia se expandido por 138 a 145 léguas quadradas, ou sejam, mais ou menos de 6000 a 6.400 quilômetros quadrados. Já se encontravam, na posse de particulares, em 1859, 5.509 hectares e em 1869, 36.242 hectares dos quais, cultivados, em 1859, 529 hectares e em 1869, 4.272 hectares. Tinham já domínio sobre suas propriedades, 168 proprietários em 1859 e, em 1869, 529 proprietários.

Estradas carroçáveis: em 1859, 7 quilômetros. Em 1869, 63 quilômetros.

Estradas para cavaleiros: em 1859, 11 quilômetros. Em 1869, 220 quilômetros.

Pela localização nas respectivas linhas coloniais, a população podia ser ainda melhor discriminada:

POPULAÇÃO EM 1869

| | Famílias | Pessoas |
|--|----------|---------|
| Sede da Colônia (cidade de Blumenau atual) | 108 | 556 |
| Bom Retiro | 7 | 46 |
| Margem direita do Garcia | 45 | 268 |
| Margem esquerda do Garcia | 25 | 131 |
| Jordão (Afluente do Garcia) | 7 | 35 |
| Caeté | 8 | 31 |
| Rio Itajaí (Margem Direita) | 157 | 773 |
| Encano (Margem direita) | 33 | 133 |
| Encano (Margem esquerda) | 31 | 122 |
| Indaial (localidade) | 9 | 54 |
| Passo Manso | 4 | 24 |
| Weissbach (Rio Branco) | 11 | 36 |
| Warnow (Margem direita) | 16 | 60 |
| Warnow (Margem esquerda) | 15 | 67 |
| Ilse | 11 | 40 |
| Ribeirão Gaspar | 68 | 533 |
| Margem Direita do Itajaí Açú | 555 | 2.889 |
| Rio Itajaí, da Ponta Aguda até Mulde | 132 | 675 |
| Rio do Testo (Margem direita) | 114 | 529 |
| Rio do Testo (Margem esquerda) | 116 | 566 |
| Badenfurt | 8 | 30 |
| Itoupava (Margem direita) | 79 | 337 |
| Itoupava (Margem esquerda) | 35 | 202 |
| Benedito (Margem direita) | 47 | 196 |
| Benedito (Margem esquerda) | 36 | 146 |
| Rio do Cedro (Margem direita) | 11 | 39 |
| Rio do Cedro (Margem esquerda) | 20 | 82 |
| Povoação Timbó | 9 | 30 |
| Ribeirão Mulde | 66 | 264 |
| Margem esquerda do Itajaí Açú | 674 | 3.096 |

No total: 1.229 Famílias com 5.985 pessoas, em fins de 1869.

RECEITA

| | |
|---|--------------|
| De 1850 até 1859: pagamento do govêrno ao Dr. Blumenau | 124:710\$000 |
| De 1860 até 1869: Suprimentos do govêrno à Direção da Colônia | 545:752\$048 |
| Venda de terras e recebimentos de adiantamentos feitos aos colonos: | 40:418\$202 |
| Total: | 586:170\$250 |

DESPESA

| | |
|--|-------------|
| Administração: Direção, religião e instrução | 66:088\$270 |
|--|-------------|

| | |
|--|---------------------|
| Obras públicas | 333:270\$622 |
| Medições de terras etc. | 50:400\$296 |
| Colonização | 114:936\$659 |
| Diversos | 5:521\$300 |
| Pagamento ao govêrno Imperial (Devolução de adiantamentos) | 18:948\$113 |
| Total: | <u>586:170\$250</u> |

Dívidas dos colonoa (referentes à compra de terras e a adiantamentos) 352:371\$787

PECUÁRIA

| Cabeças de : | 1859 | 1869 |
|-----------------|-------|--------|
| Gado vacum | 401 | 2.122 |
| Gado cavalari | 58 | 581 |
| Gado muar | — | 89 |
| Gado suino | 1.164 | 5.480 |
| Gado ovino | — | 105 |
| Gado caprino | — | 75 |
| Aves domésticas | 7.000 | 18.560 |

Carros e carroças (para 2 e 4 cavalos) em 1869: 83

Arados de 1 a 2 cavalos: em 1869: 44

Pequenas indústrias em 1899: 36 marceneiros; 35 carpinteiros; carpinteiros de carros, 13; 8 tanoeiros; 5 torneiros; 4 construtores de engenhos; 2 encadernadores; 1 relojoeiro; 27 pedreiros; 2 padeiros; 4 açougueiros; 13 ferreiros; 1 caldeieiro; 2 latoeiros; 6 serralheiros; 16 alfaiates; 19 sapateiros; 6 seleiros; 8 olarias; 18 engenhos de serrar madeira; 65 engenhos de farinha; 76 engenhos de açúcar; 13 moinhos de farinha; 2 cerâmicas de barro; 62 alambiques; 3 descascadores de arroz; 1 fábrica de vinagre; 1 cervejaria; 6 fábricas de cigarrilhos.

Um médico; uma farmácia; três parteiras; 17 casas de negócios; 22 hotéis e casas de pasto e pensões.

Valor da exportação em 1869: 120:000\$000 dos quais 32:250\$000 de madeiras

Valor da importação em 1869: 162:000\$000

A instrução primária era dada em 1869 em duas escolas públicas e oito escolas particulares.

Funcionários da Direção da Colônia: Diretor: Dr. Hermann Blumenau. Vice-diretor: Hermann Wendeburg. Agrimensores: Emílio Odebrecht e J. Breithaupt. Arquitecto: Henrique Krohberger. Escriturários: Teodoro Kleine e Reinoldo Freygang. Pároco católico: W. Roemer. Pastor evangélico: Oswaldo Hesse. Delegado de polícia: Guilherme Friedenreich. Médico: Dr. Bernardo Knoblauch.

Professor da escola pública masculina, na sede: Victor von Gilsa. Professôra da Escola pública feminina, na sede: Apolônia von Buettner.

Professôres das escolas particulares: Itoupava e Itoupava Norte: Júlio Scheidemantel. Badenfurt: F. V. Loesecke. Rio do Testô: Fernando Hackbarth. Garcia Baixo: Hermann Westendorff. Garcia Alto: João Reinhardt. Encano: Fr. Nagel. Passo Manso: Gustavo Labes. Mulde: Karl Weiske. Nestas 8 escolas estavam matriculados, em 1969, 310 crianças, sendo 167 rapazes e 143 meninas.

BLUMENAU E A SUA IMPRENSA

V

“DER URWALDSBOTE”

Como vimos, o “Immigrant”, o segundo dêsse nome, teve vida efêmera.

Iniciando-a em março de 1893, já em julho do mesmo ano, encerrava a sua carreira. Fôra adquirido pelo Pastor Faulhaber que, em substituição, deu comêço à publicação de um novo semanário que denominou “Der Urwaldsbote” (“O Mensageiro da Floresta”). Êsse jornal, dirigido e redatoriado por Hermann Faulhaber, teve, de início, orientação exclusivamente religiosa, feito porta-voz dos anseios e interêsses das Comunidades Evangélicas do Município e das escolas que as mesmas controlavam.

Faulhaber foi uma personalidade interessante, de marcante atuação na vida cultural de Blumenau. Desde que, contratado pela Comunidade da sede do Município, viera para cá em 1889, desenvolveu extraordinária atividade, digna de registro e de encômios.

Fundada a “Escola Nova”, mais conhecida por “Escola Alemã”, foi seu incentivador por muitos anos. Nesse pôsto, mostrou-se um verdadeiro mestre, no amplo sentido do têrmo. No ensino das matérias que escolhera, era de uma dedicação sem limites. Não procurava ensinar, apenas. Esforçava-se por fazê-lo da melhor maneira possível.

Como, naquele tempo, a quase totalidade das crianças que frequentavam a “Escola Nova” só falava o alemão, Faulhaber, para melhor entendimento dos seus alunos, escreveu uma “História do Brasil”, que deu à publicidade, em língua alemã, em 1903 e que fôra impressa em Bremen, editada à própria custa do autor.

Foi, sobretudo, um grande admirador do Brasil, um coração devotadamente brasileiro. Na escola, como na igreja e na sociedade não esquecia nunca o que devia, em estima, respeito e gratidão à Pátria que adotara e que era a de sua espôsa e de seus três filhos.

Mesmo depois que os deveres do seu ministério o obrigaram a retornar, com a família, para o país do seu nascimento, Faulhaber continuou amando, honrando e glorificando o Brasil. Na sua residência em Trebin, próximo a Berlin, êle sentia-se feliz quando recebia visitas de brasileiros; a nossa bandeira era sempre hasteada nos dias feriados brasileiros na fachada de sua residência. Lia continuamente jornais e revistas brasileiros e continuou assinando, por muitos anos, o “Jornal do Comércio”, do Rio. Além da “História do Brasil” (“Leitfaden fuer den Unterricht in der Geschichte von Brasilien”), a que já nos referimos, publicou outros trabalhos, entre os quais é de se destacar uma tradução, muito esmerada, da obra do Conde de Afonso Celso “Porque me ufano do meu país”, que teve larga difusão na Alemanha, onde mereceu várias edições consecutivas. Seguidamente Faulhaber era convidado

para fazer conferências sôbre o Brasil em colégios e entidades culturais alemães, fazendo-o sempre com calor e sinceridade.

Pois foi êsse homem que, em 1893, adquiriu, em nome da Conferência Pastoral Evangélica, o segundo "Immigrant" e, a 16 de junho daquele ano, deu à publicidade o primeiro número de um novo hebdomadário, o "Der Urwaldsbote" (O Mensageiro das Selvas) que viria a ser um dos mais aguerridos e discutidos periódicos publicados em Santa Catarina.

O "Der Urwaldsbote" começou sendo impresso num prelo manual, de ano de fabricação de 1835, com capacidade de impressão de 200 exemplares por hora. O seu primeiro número, de pequeno formato, tinha 8 páginas e trazia, como mote, os seguintes versos:

«Gerader Weg, grades Wort

So will's dem Mann gebühren

Wer Ehre sich erwählt zum Hort,

Den kann kein Schalk verführen.»

(Caminho reto, palavras certas

Deve ser de um homem a meta.

Para quem a honestidade é bem supremo

Não há mau conselheiro que seduza.)

Faulhaber dera ao seu jornal um carater mais religioso que político e, nesse sentido, o orientara. Tratava dos interêsses confissionais das várias comunidades protestantes, do ensino nas suas escolas, que eram mais de uma centena, sem esquecer, entretanto, um amplo noticiário nacional e do exterior, com alguns comentários próprios, ou extraídos de outras fôlhas nacionais e alemãs. No noticiário local, procurou não pender para um ou para outro dos grupos políticos, em que se dividia a opinião pública, sem deixar, entretanto, de manifestar as suas simpatias, embora veladas, pelos federalistas.

Mas, tendo se tornado um órgão bastante difundido no interior do município, nas suas diversas linhas coloniais e, mesmo, nos demais centros de colonização alemã do Estado, concorrendo, na publicação de anúncios e de outra matéria paga, com o "Blumenauer Zeitung", o "Der Urwaldsbote" não pôde, por muito tempo, ficar afastado das competições que se feriam no campo da política local. A revolução de 1893 sucederam-se dias de relativa calma. Mas, ficaram os ressentimentos entre os grupos que haviam participado daquelas competições.

Os do grupo do "Blumenauer-Zeitung" não esqueciam que fôra das cinzas dos dois "Immigrant", órgãos dos federalistas, que surgira o "Der Urwaldsbote" e, assim, não perdiam vasa para hostilizar o novo competidor. Sofria, também, o Pastor Faulhaber a pressão dos elementos de maior destaque da política situacionista, que procuravam forçar a posição do "Der Urwaldsbote" ao lado dos descontentes com a predominância do grupo chefiado por Bonifácio Cunha. Êste, nas eleições realizadas em 1898, contrapusera a sua candidatura ao cargo de Superintendente Municipal à de Oto Stutzer, que se propunha à reeleição. A luta eleitoral se prenunciava reñhida. O grupo chefiado por Feddersen, Stutzer, Schrader e outros, consegue

então, engajar a opinião do jornal a favor da reeleição do Superintendente, sem contudo filiá-lo a nenhum partido.

A 1.º de novembro de 1898, o pastor Faulhaber deixou a redação do jornal que fundara, perdendo êste, completamente, a orientação que, até então, viera seguindo. Em consequência, foi encarregado da parte redatorial, e como orientador da campanha política, o bacharel em direito e jornalista Eugênio Fouquet, que merece, também, algumas referências mais destacadas.

Descendente de família huguenote, emigrada da França para a Alemanha, Eugênio Fouquet nasceu, nesse último país, e depois de bacharelar-se em Direito, em Berlin, emigrou para o Brasil em 1893, vindo para Blumenau. Aí já residia um seu companheiro de escola, Ricardo Hisnsch, estabelecido em Salto Weissbach, com uma granja experimental e fábrica de vinhos de frutas.

Fouquet tornou-se vendedor dos produtos dêsse estabelecimento. E, como tal, teve que transformar-se em caixeiro viajante. Percorria o interior do Estado, e numa das viagens, conheceu, em Brusque, G. Artur Koehler que, mais tarde, e durante tôda uma existência, seria seu companheiro de imprensa.

Foi dêsse emprêgo, que o grupo político, acima citado, desviou Fouquet para a orientação da renhida campanha política municipal.

Terminadas as eleições com a derrota de Oto Stutzer, Fouquet passou a figurar, em novembro de 1898, como redator-responsável do "Der Urwaldsbote". Já nessa campanha eleitoral, Fouquet demonstrou do quanto era capaz a firmeza do seu carater na defesa das suas convicções e dos princípios que entendia mais convenientes ao progresso e ao desenvolvimento econômico do Estado e do País e, sobretudo, ao bem estar material e moral dos descendentes dos alemães, dos teuto-brasileiros, que formavam apreciáveis comunidades, ordeiras e ativas, principalmente nos três Estados meridionais do Brasil.

As idéias de Fouquet, por êste aguerrida e valorosamente defendidas em seu jornal, foram, igualmente, com calor e agressividade, combatidas pela maioria dos jornais de língua portugûesa, do Estado, destacando-se entre êles o "Novidades", de Itajaí, e pelo seu principal adversário o "Blumenauer-Zeitung". O pensamento de Fouquet, que era o mesmo esposado pela sociedade dos "Alldeutschen" (apelido dado depois aos componentes da "Volksverein", cuja fundação foi inspirada e orientada por Fouquet) e por muitos pangermanistas ferrenhos, consistia em evitar, por tôdas as maneiras possíveis, a adaptação, completa e absoluta, dos teutos-brasileiros aos usos e costumes do país. Mantendo, pensava êle, a língua, as práticas, as tradições dos seus antepassados, os filhos de alemães poderiam prestar melhor serviço à Pátria do que, esquecendo os valores ancestrais, se entregassem, inteiramente, à vida de indolência, de despreocupação pelo futuro, característica da maioria dos brasileiros de descendência açorita, que povoavam o litoral catarinense.

Se o problema tinha, realmente, algo de razoável e de justificável mesmo, Fouquet, entretanto, o apresentava de um modo pouco simpático, ofensivo até. "Novidades", o jornal de Tibúrcio de Freitas e dos irmãos Konder, que se publicou em Itajaí, entre 1904 e 1918, foi dos muitos que

zurziram, àsperamente, o redator do "Der Urwaldsbote" pelas suas impatrióticas idéias.

Também a questão da catequese dos indígenas suscitou polêmicas calorosas entre o jornal de Fouquet e o "Blumenauer-Zeitung", o "Novidades" e outros periódicos do Estado. Fouquet entendia que, proteger o índio, pela forma como pretendiam fazê-lo os partidários da pacificação pela catequese, era condenar o colono a constantes perigos e sobressaltos e, dessa forma, atrasar a colonização e conseqüente povoamento do interior do Estado.

A "Liga Patriótica de Proteção aos Silvícolas", fundada em Florianópolis, encetara intensa campanha, apoiada pelos governos do Estado e da União, no sentido de acabar, de vez, com a prática desumana, imoral, dos "bugreiros", assim chamados indivíduos que se dedicavam a procurar, perseguir e matar, cruel e traiçoeiramente, os bugres nos seus acampamentos. Os serviços dessa gente eram até, muitas vezes, contratados pelos próprios governos municipais quando os silvícolas apareciam nos territórios de sua jurisdição.

Fouquet, embora sem o declarar abertamente, era favorável a essas medidas extremas, pois, só assim, no seu entender, o colono poderia viver e trabalhar em paz, de vez que o govêrno se mostrava incapaz de levar a bom têrmo um processo moderado de pacificação.

E tanto mais os fatos pareciam dar razão ao vibrante jornalista, quando muitas evidências estavam a afirmar que a maioria dos assaltos, sofridos pelos colonos, eram atribuídos, não a verdadeiros silvícolas, mas a índios coroados, semicivilizados, saídos de toldos no Paraná.

Artigos publicados no "Der Urwaldsbote" defendendo tese tão arriscada, levantaram grande celeuma no Estado e mesmo no país. Autoridades e particulares vieram a público rebater os argumentos em que Fouquet se estribava.

Entre os últimos, salientou-se o médico e escritor Dr. Hugo Gensch que, pelas colunas do "Blumenauer Zeitung", verberou àsperamente os processos desumanos empregados pelos bugreiros e a hipocrisia dos seus defensores. Denunciou, de público, fatos escandalosos e imorais, como a exposição de mulheres indígenas aprisionadas, que eram mostradas, na sua nudez, aos curiosos, mediante pagamento de determinada importância, servindo a êstes de chacota e de comentários indecorosos.

Estudando-se a atuação de Fouquet, como jornalista, pelo prisma que se escolher, pode-se encontrar nêle muitos defeitos, muita paixão e incoerências. Mas, ao mesmo tempo, é-se obrigado a reconhecer nêle muita sinceridade, muita coragem e desassombro nas suas atitudes e na defesa dos seus pontos de vista.

Por essas idéias e essas atitudes, êle teve que sofrer uma campanha das mais violentas e apaixonadas e que o colocou, perante os seus contemporâneos, não apenas os luso-brasileiros, mas, igualmente, grande número de alemães e de teutos, em situação bem desagradável; criou, em tórno de si, um ambiente de antipatia e de desconfiança.

Entretanto, os serviços que êle prestou ao jornalismo catarinense e ao próprio município, foram inúmeros e preciosos.

Como político, igualmente, as suas atitudes não foram sempre bem interpretadas, consequência lógica, natural, das idéias que esposava no seu jornal. Como secretário da Câmara Municipal e Conselheiro, teve atuação destacada. Foi o fundador e mentor da "Volksverein" ("União Popular") que, de Blumenau, se expandiu para outros pontos do Estado e dos Estados vizinhos, onde havia colonização alemã e que, transformada em partido político, teve ação marcante na vida blumenauense.

Não é êste o lugar para analisar a vida e os trabalhos dêsse aguerrido jornalista, de vez que é nosso intuito, apenas, reunir alguns dados sôbre o aparecimento e a atuação dos órgãos de imprensa em nosso município e nos que dêste se desmembraram para se constituírem em parcelas administrativas autônomas. Mas, o que acima se disse dá uma idéia do comportamento e do caráter dêsse homem que, por quase trinta anos consecutivos, orientou o "Der Urwaldsbote".

Apesar de ter mudado de orientação e de redator, "Der Urwaldsbote" continuou propriedade da Conferência Pastoral Evangélica até que, em 1900, foi adquirido por um consórcio que, dentre os seus vários participantes, contava também com G. Artur Koehler que, posteriormente, dêle se tornou proprietário.

Em 1907, começou o jornal a publicar um suplemento semanal em língua alemã e; em 1909, igualmente um suplemento em língua portuguêsã, do qual foi redator o professor Augusto Buechler, lente da "Escola Nova" e autor de uma gramática portuguêsã para crianças de língua alemã, e do qual trataremos em outro capítulo.

Em 1914, passou a administração do "Der Urwaldsbote", com as respectivas oficinas para o prédio próprio, ainda existente, à rua 15 de Novembro.

Em 1917 pôde, êsse jornal, festejar, a 3 de julho, o seu 25º aniversário, já então como bissemanário e com formato aumentado. Para comemorar o evento, publicou-se uma edição especial.

Com o número 34, de 26 de outubro dêsse mesmo ano, premido pelas circunstâncias decorrentes da declaração de guerra do Brasil à Alemanha, "Der Urwaldsbote" deixou de circular. Em seu lugar apareceu o "Comércio de Blumenau", de que trataremos em artigo especial.

Terminada a guerra, voltou o "Der Urwaldsbote" a ser publicado sob êste título e em idioma alemão a 23 de agosto de 1919. Apesar do primeiro número do "Comércio de Blumenau", ter aparecido com as indicações de: "Ano I, n.º. 1", como de órgão completamente desligado do antecessor, o número 17, do ano XXVII com que "Der Urwaldsbote" voltou à publicação, é continuação da série que vinha sendo seguida pelo "Comércio de Blumenau", continuando, inclusive, a publicar o suplemento "Kolonie Haus und Hof" que acompanhava o jornal desde alguns anos atrás.

Dez anos depois, em 1928, "Der Urwaldsbote" alcançava uma tiragem de 5.000 exemplares e adquiria uma nova máquina impressora, rotativa. Ao iniciar o seu 29º. ano de publicidade, apareceu em novo formato de 38 x 70 cm., portanto dos maiores existentes no país. O formato anterior tinha sido de 34 x 51 cm.

Fouquet adoeceu em 1927. Teve que se afastar das lides jornalísticas. A redação do periódico blumenauense, a que êle dedicara uma existên-

cia inteira de lutas, vinte e oito anos de constante e árduo trabalho, passou para a responsabilidade de Curt Prayon, substituído, mais tarde, por Victor Schleif que, também, como poeta e jornalista, conquistou destacado lugar na imprensa teuto-brasileira. Paulo Koch passou, então, a figurar na gerência do periódico.

Eugênio Fouquet faleceu a 9 de janeiro de 1937, cercado do respeito de quantos o conheceram. Com êle encerrou-se, pode-se dizer, uma longa e áurea etapa da vida jornalística do Vale do Itajaí.

O "Der Urwaldsbote" durou alguns anos mais. Esteve, sucessivamente, neste último período, sob a responsabilidade de Elsbeth Koehler e do Dr. Max Tavares do Amaral. Êste último, assumiu a redação a 7 de julho de 1939 quando, em virtude das medidas decorrentes da Campanha de Nacionalização, foi permitido que o jornal continuasse a ser publicado em alemão, desde que a direção fôsse de brasileiro nato e que na matéria redigida nesse idioma fôssem entremeados alguns artigos, de cunho patriótico, em português.

Com o número 18, de 29 de agosto de 1941, no seu 49º. ano de publicidade, despede-se o "Der Urwaldsbote" dos seus leitores, em virtude de ter de obedecer o decreto federal que proibia, em todo o território nacional, a publicação de periódicos em língua estrangeira.

Aparecia, entretanto, com o número 19, completamente redigido em português e com o título de "Correio da Mata", tendo por sub-título: "ex-Der Urwaldsbote". Com êsse título e sub-título publicam-se ainda os números 20 e 21.

O número 22 aparece também redigido totalmente em português, mas com o título em alemão: "Der Urwaldsbote" e o sub-título "Mensageiro da Mata" e, assim com o título em alemão, publicam-se os números 22 a 27, encerrando, com êste, a tradicional fôlha a sua publicação e a sua gloriosa existência.

Foi, sem dúvida alguma, "Der Urwaldsbote" um jornal que prestou serviços à comunidade a que estava ligado. Durante o meio século da sua existência, acompanhou o crescimento do município, o seu desenvolvimento econômico, social e cultural, defendendo, valentemente, os seus interesses. Constituiu-se numa das mais preciosas fontes de informações históricas.

No Arquivo Histórico de Blumenau, anexo à Biblioteca Pública, existe parte da coleção dêsse jornal.

— BLUMENAU EM CADERNOS —

Fundação e direção de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina

— Assinaturas: por Tomo (12 números) NCr.\$ 5,00 —

Redação e Administração: Alamêda Duque de Caxias, 64

Caixa Postal, 425 — BLUMENAU — Santa Catarina - Brasil

AUTO BIOGRAFIA DE CARLOS FREDERICO GUILHERME BUTZKE EM TIMBÓ SANTA CATARINA

"Blumenau em Cadernos", graças à cooperação do sr. Pastor Friedrich Gyerue, de Indaial, que nos forneceu a cópia do original alemão, pôde publicar mais estas interessantes memórias de um dos pioneiros da colonização do Vale do Itajaí, Carlos Frederico Butzke, que faleceu em 25 de agosto de 1941, com 98 anos, 4 meses e 5 dias de idade, em Timbó. Foi dos primeiros moradores daquele município. Perfeitamente lúcido, ainda escreveu, no ano anterior ao seu falecimento, a sua biografia que não é, apenas, de interesse para os seus centenaes de descendentes, mas tem, igualmente, grande valor histórico.

"Estou, atualmente, morando com meu filho Francisco Butzke, à margem esquerda do Rio dos Cedros. Estou ainda com a memória bem clara. Hoje, em setembro de 1940, conto 97 anos e 5 meses de idade: Meus braços e pernas já estão meio bambos, mas o torax ainda o sinto em plena forma. A comida ainda me sabe muito bem.

Os meus queridos pais eram operários em Wusterbarth, sob as ordens do arrendatário Villnow. Nasci em Wusterbarth, circunscrição de Belgard, na Pomerânia, em 20 de abril de 1843. Dos 6 aos 14 anos frequentei a escola. Meu professor foi o sr. Jahn. Fui confirmado pelo pastor Tischler. Dos 17 aos 20 anos, trabalhei como capataz cuidando de quatro cavalos. Com 20 anos, apresentei-me para fazer o Serviço Militar. Fui julgado apto e incorporado ao 6.º Regimento Pomerano de Infantaria, n.º 49, 2.º Corpo de Exército da Pomerânia. A 1.º de setembro de 1863, tive que me apresentar em Schievalbein. A minha guarnição localizava-se em Stargard. Ali recebi instrução militar e passei a pronto. Na Rússia havia grande revolução. Os poloneses queriam libertar-se do domínio russo. Na Prússia Oriental havia também muitos poloneses. Estes levantaram-se e pretenderam levar auxílio aos poloneses na Rússia. O Príncipe Bismarck deu ordens e comandou o 2.º Exército Pomerano para ocupar tôdas as fronteiras com a Rússia. Então, nenhum polonês pôde transpor mais essas fronteiras. Devido a isso os poloneses foram vencidos. Em dezembro de 1864 voltou a reinar a paz. Os poloneses tiveram que submeter-se e permaneceram sob o domínio russo. Como o nosso regimento tivesse se mostrado muito valente, passou êle a integrar a guarnição de Gnesch na fronteira da Prússia Oriental com a Rússia. Em 1865, houve grandes manobras nas proximidades de Bromber até Nackel Comandante geral era o estimado Kromprinz Friedrich. Em 1866, houve a guerra entre a Prússia e a Austria. Todo o exército prussiano foi mobilizado. Em marchas forçadas atravessamos as fronteiras do inimigo. Os prussianos comportaram-se valentemente. Vitórias sôbre vitórias foram conquistadas. Os austríacos tiveram que recuar. A batalha decisiva feriu-se a 3 de julho em Königgrätz. Pelo meio dia, a batalha estava ainda indecisa, mas afinal os prussianos venceram. Durante a batalha caiu o nosso camandante von Wieterschein. O inimigo recuou em marchas forçadas. Em breve, estavam os prussianos a três milhas da capital, Viena. Então o imperador da Austria propôs paz à Prússia. A paz foi assinada na cidade de Wickelsburg. De repente apa-

receu a epidemia da peste que matou milhares. Então os prussianos voltaram para as suas guarnições na pátria. Eu tinha, assim, servido três anos, mas, em virtude da guerra, tive ainda que permanecer em serviço por mais quatro meses. Dessa forma servi na ativa durante 3 anos e quatro meses. Durante êsse tempo, nunca fui punido; comportei-me muito bem.

Dei baixa a 22 de dezembro de 1866 e, no dia seguinte, encontrava-me de volta ao meu torrão natal Wusterbarth. A alegria dos meus queridos pais foi grande. O arrendatário Willnow tomou-me logo como cocheiro. E como cocheiro trabalhei até que resolvi emigrar.

Do nosso lugar, já havia alguns conhecidos nossos em Blumenau. Êles haviam escrito que a gente aqui, em Blumenau, poderia adquirir cem morgos de terra por preço muito barato. Essas cartas tentaram-me. A 6 de abril eu deixei a Alemanha em companhia de seis famílias. Isso foi no ano de 1869. Cæsei-me pela primeira vez, em 15 de novembro de 1867 com Frederica, nata Kanennberg, na igreja de Wusterbach. Quem nos casou foi o pastor Tischler. Em Hamburgo, embarcamos num veleiro. Êste tinha o nome de "Humboldt" e o capitão chamava-se Plump. No mês de junho, chegamos no pôrto antes conhecido por Barra. (Trata-se do fundeadouro da Barra do Itajaí Mirim, no pôrto de Itajaí. N. do T.) Fomos transportados para terra numa canoa. De Blumenau até Indaial a nossa bagagem foi transportada numa carroça. Em Indaial disseram-me que no Cedro havia terra muito boa. Dietlein Krambeck levou a minha bagagem de canoa, até a colônia. Eu escolhi para mim o numero 20 e construí então uma casa de palmito onde morei 3 anos. Mas o lote de terras não me agradou. O lote n. 17 ainda estava vago e é onde moro até hoje. Na Alemanha eu tinha passado por trabalhos e aborrecimentos. Êste comêço em plena mata virgem trouxe-me e a muitos colonos, trabalhos ainda mais pesados. Os gêneros de primeira necessidade eram escassos. O estomago teve que jejuar muitas vêzes. E, além disso, nós tínhamos que estar sempre vigilantes. Os bugres selvagens enxameavam ao redor de nós. Também tivemos a visita de tigres. Êstes causaram grandes prejuizos em toda a colônia. A mim um tigre matou, numa noite de chuva muito forte, um novilho de três anos, estraçalhando-lhe a garganta. Também carregou-me com dois bons cachorros.

Também já havia crianças em idade escolar. João Lemke convocou uma reunião. Nós todos concordamos. Eu, Fernando Zumach e Carlos Jahnke fomos eleitos para a diretoria. Nós trabalhamos em turmas. Quando o madeiramento ficou pronto, o carpinteiro Lahsan fez a montagem e então a escola foi terminada. Os bancos foram feitos por Júlio Vogel e Carlos Bewiahn. O primeiro professor foi Júlio Scheidemantel. Êle ensinou ali durante muitos anos. Era um professor justo e honesto. Descança no cemiterio de Timbó. O nosso Deus o tenha na sua bemaventurança.

Novamente convocou-se uma reunião para a construção da igreja. Fui eleito presidente. Eu mesmo a construí, em companhia de Augusto Klug e Frederico Klug. Nós derrubamos o madeiramento nos nossos matos. O carpinteiro Gustmann aprontou e armou o madeiramento. Os trabalhos de alvenaria foram feitos pelo pedreiro Fröhlich. A igreja ainda existe até hoje. Os bancos da igreja foram feitos por Júlio Vogel e Carlos Bewiahn. Também fui feitor, sob as ordens do Dr. Blumenau, construindo estradas. Exercí também por mais de 20 anos, o cargo de Inspetor de Quarteirão.

Em Cedro, a 21 de março de 1874 a minha querida mulher faleceu de parto. Aqui, no meio do mato, não havia então recursos. Também, então, não havia ainda carroças. Frederico Donner transportou o esquife, pelo Cedros, de canoa até Timbó. Ela jaz no cemitério de Timbó, tendo-me deixado três robustos rapazes. Eles ainda vivem e são casados

Permaneci cinco meses viúvo. A 29 de agosto de 1865 casei-me, pela segunda vez, com Augusta, nata Lehmke. Para casarmos-nos, fomos, a cavalo, até Bedenfurt, em cuja igreja o pastor Hesse realizou a cerimônia. O meu segundo casamento foi feliz. Nós festejamos juntos as nossas bodas de prata, de ouro e de diamante. Minha segunda esposa faleceu a 28 de agosto de 1938, com 88 anos de idade. Do nosso casamento, tivemos 7 filhos: quatro rapazes e três moças. Todos gozam boa saúde e estão casados. Foi para mim, um grande prazer ter criado e educado 10 filhos, todos ainda vivos. Tenho, também, 70 netos e, mais ou menos, 190 bisnetos. O bom Deus os abençoe a todos com saúde e felicidade. Moro, hoje, em companhia de meu filho Francisco. Passo aqui muito bem e sinto-me bem disposto,

A pedido dos meus felhos escrevo estas memórias, minha vida, minhas lutas e meus trabalhos.

Em 1869 eu cheguei em Blumenau. O Brasil era então, ainda monarquia. Nós fomos recebidos muito bem e auxiliados. Também os funcionários, em Blumenau, eram muito bons: o Dr. Blumenau, Wendeburg, Reinoldo Freygang. Viva o Brasil!

O que Deus faz é bem feito e permanece conforme a sua vontade.

Quem confia em Deus, constroe com segurança. Amen!

Guilherme Butzke sr.

Nota posterior: † Guilherme Butzke faleceu a 25 de agosto de 1941, com a idade de 98 anos, 4 meses e 5 dias, depois de curta enfermidade. Deixou 10 filhos, 70 netos, 143 bisnetos e 1 tataraneto. Foi sepultado no cemitério de Timbó, no dia 26 de agosto, com grande acompanhamento. Texto do discurso fúnebre: Salmo 91, 1, 2, 7, e 14 a 16.

A origem do apelido "lambisa", dado a uma facção política dêste Estado, apesar de não estarem ainda muito afastados aqueles tempos de agitação partidária dos primeiros anos da república, já se vai obliterando da nossa memória. Eis a sua origem: cêrca do ano de 1890, quando governava o Estado o sr. dr. Lauro Müller, existia na capital um tipo de rua, muito magro, alourado, rosto chupado, conhecido, talvez devido a essa sua estrutura física, pela alcunha de "lambisa".

Os adversários daquele governador começaram a ver naquele tipo popular um sósia do dr. Lauro Müller. Daí veio o batizarem o partido governista de então e seus adetos com o epíteto de "lambisa" que foi empregado até a recente fusão".

("Novidades", de 24/2/1907).

REMINISCÊNCIAS

H. P. Zimmermann

As populações dos lugares pequenos que existem por êste Brasil afora, semelhantes ao que foi Gaspar no tempo de minha infância, alvoroçam-se facilmente com os pequenos e grandes acontecimentos que vêm alterar o pacato ritmo de suas vidas. Assim, também a da Freguesia de São Pedro Apóstolo do Gaspar ficou tôda alvoroçada, quando soube que alguns dos seus homens, autoridades, comerciantes e outros mais, haviam recebido convites para assistirem à inauguração da Estrada de Ferro Santa Catarina.

Dois destes convites, um dirigido a meu pai, o outro a meu avô, ambos de saudosa memória, chegaram à nossa casa. Eram cartões de côr vermelho-marron, impressos a ouro, nos quais se lia, que excelentíssimo senhor Fulano de Tal era convidado para participar da viagem inaugural do primeiro trem que, partindo de Blumenau no dia 3 de Maio de 1909, viajaria até a estação de Warnow donde retornaria a Blumenau. Meu pai e meu avô, prazerosamente, aceitaram o convite e no dia 3 de Maio de manhã, dirigiram-se de carro até Blumenau. Com muitos outros convidados, fizeram a viagem com a primeira composição da Estrada de Ferro Santa Catarina e a noite voltaram a Gaspar. Ambos já haviam viajado por estrada de ferro, por isto não eram novatos, mas quando voltaram, tinham muito que contar. Falaram dos discursos que ouviram, elogiaram os bonitos vagões, especialmente os de primeira classe com assentos estofados a couro.

Falaram da recepção no final da viagem, em Warnow, onde residia um cunhado de meu avô, que recebera os diretores da nova via terrea e outros personagens em sua residência, para oferecer-lhes um almôço. O que, porém, mais os satisfez e que por muito tempo ainda comentavam, com outros convidados de Gaspar, que também haviam participado da viagem inaugural, foi a mensagem contida em discursos que na ocasião foram pronunciados, de que a linha da estrada de ferro não só seria levada até a Hansa Hammonia e Rio do Sul, até o planalto catarinense mas também até o porto de Itajaí. Esta sensacional notícia alarmou toda a população de Gaspar. Nosso pequeno lugar, ligado a Blumenau e a Itajaí por caminhos precários, teria, com a estrada de ferro, enfim um meio de transporte rápido e seguro, não dependente das intempéries ocasionais, que tornavam as estradas intransitáveis. A alegria foi geral, pois que a realização dêste empreendimento viria arrancar Gaspar de seu marasmo de lugar mal servido de meios de transportes, por isto sem capacidade de melhor desenvolvimento.

A euforia geral pouco a pouco foi esmaçando. Não demorou que se percebesse, que a anunciada construção deveria ser obra projetada a longo prazo. Os que assim pensavam, lamentavelmente tinham razão, pois desde a inauguração do primeiro trecho da ferrovia, deveriam decorrer mais de quarenta anos até que em Gaspar se ouvisse os silvos das

locomotivas da Estrada de Ferro Santa Catarina.

Várias tentativas foram feitas, para construir a linha da estrada de ferro de Blumenau até Itajaí. Várias vezes Gaspar assistiu o trabalho de engenheiros e as suas turmas de operários, acampados na cidade ou nas suas imediações, que deviam proceder à locação da nova linha. As minhas reminiscências publicadas em «Blumenau em Cadernos», Tomo X, n.º 2, do ano corrente, descrevem a permanência de uma destas turmas de Gaspar. E sempre de novo a população entusiasmava-se, quando surgiam engenheiros para estudar o traçado desta linha mas sempre de novo deviam tomar conhecimento da amarga verdade, de que estrada de ferro até Itajaí, não seria construída em futuro próximo.

Quando foi construída, já ninguém mais se alegrou com o acontecimento e muitos tiveram de constatar por experiência própria, que o progresso custa caro, que ele não tem em consideração os interesses individuais e que, para que se beneficie uma coletividade, frequentemente são sacrificados os interesses pessoais. Quando, depois de muitos anos, iniciou-se a construção da via terrea de Blumenau a Itajaí, começaram os conflitos entre os construtores e os proprietários de terras e instalações rurais, cujas propriedades eram cortadas pelo traçado da via, de uma maneira muitas vezes considerada altamente prejudicial pelos proprietários, os quais, além disto, consideravam por demais exiguo o preço da desapropriação pago pelos construtores.

Quando os trens começaram a passar por nossa pequena cida-

de, a estrada de ferro já era considerada um meio de transporte obsoleto, superado pelo transporte rodoviário. É de se indagar aqui, se as estradas de ferro constituem mesmo um meio de transporte obsoleto, uma vez que, em todos os países progressistas do mundo, elas até hoje são o meio de transporte preferido para a movimentação de cargas, além de serem o meio de transporte preferido pelos que viajam.

Mas, não são estes os assuntos que eu pretendia focalizar nesta descrição das cousas do passado. O que realmente me move a escrever estas linhas, é o auspicioso fato da inauguração da Estrada de Ferro Santa Catarina um acontecimento que veio modificar radicalmente a economia e as condições sociais de uma vasta região. Graças a esta via ferrea, que na verdade não é mais que um trecho de pequeno percurso, que até hoje não chegou ao ponto final projetado pelos seus construtores e sómente muito tarde viria alcançar o porto de mar, toda a região do antigo município de Blumenau, hoje dividida em vários municípios, experimentou um surto de progresso tal, como pouco antes ousaram de prever. Muitas vezes viajei, mais tarde, nos trens da Estrada de Ferro Santa Catarina e sempre de novo estas viagens despertavam em mim a satisfação de poder viajar por uma das mais desenvolvidas regiões de meu Estado natal. Numas destas viagens, tive a satisfação de viajar em companhia do Cel Pedro Cristiano Feddersen, o mesmo que representou o Governador do Estado na cerimônia da inauguração da estrada de ferro. Talvez por que não tivesse ele, na ocasião, melhor companhia,

contou-me, pormenorizadamente, toda a história da Estrada de Ferro Santa Catarina. Numa outra viagem, tive por companheiro o sr. José Deeke, então diretor da Companhia Colonizadora Hanseatica. Também ele contou-me interessantes aspectos da história da via férrea, de como surgiu a idéia de se construí-la, como se organizou a sociedade que a construiria e outras cousas interessantes. Em nossa companhia viajava também o Dr. Paul Aldinger, o pastor da comuna evangélica de Hammonia e um grande entusiasta da colonização e, também, grande amigo do serviço de pacificação dos índios, que na época ainda povoavam em regular número o interior da colônia. O seu entusiasmo de ver realizado um dos seus grandes sonhos, isto é, de ver a colônia Hansa ligada a Blumenau por via férrea, era simplesmente contagiante. Com a sua palavra fluente, descrevia as possibilidades de um grande desen-

volvimento que a colônia experimentaria num futuro breve, especialmente se a via férrea fosse levada até o porto de Itajaí. Tudo isto enchia-me de grande satisfação e confiança no desenvolvimento do meu Estado natal.

Muitos anos são decorridos desde então. Muitos sonhos esvaziaram-se no decorrer dos anos e muitos projetos foram modificados. Agora, ouço dizer, que a Estrada de Ferro Santa Catarina possivelmente, dentro de breve paralisará o seu tráfego. Talvez, por uma imposição da técnica moderna, que tantas cousas modifica, desaparecerá. Mas, se paralizarem a velha estrada de ferro, creio, que não apenas eu, porém, muitos dos moradores da região por ela servida, ficará com saudades dos pequenos trens que por tantos anos percorreram a parte central do vale do Itajaí, uma região no Brasil, por tantos aspectos notável e sui generis.

De um jornal de Itajaí, extraímos isto: "Estão há dias nesta cidade, donde seguirão, na volta do "Max", para Florianópolis, os srs. Arthur Müller e Henrique Jenné, professôres na Colônia Hansa, em Blumenau, os quais, a convite e a expensas do govêrno do Estado, vão ficar na capital por algum tempo, a fim de estudarem o português para poderem ensiná-lo aos seus alunos. Voltaremos a apreciar essa tão louvável ação que o nosso govêrno acaba de praticar para com os imigrantes da Hansa, mas desde já esperamos que êsse favor se estenderá a todos os outros núcleos do Município de Blumenau, precisados de professôres conhecendo a língua vernácula. Os srs. Arthur Müller e Henrique Jenné, ainda que de passagem aqui, não perderam na semana finda o seu tempo que foi aproveitado assistindo as aulas do Colégio Itajaí e do sr. João Maria Duarte e as do professor Donato Campos.

Os dois primeiros padres salesianos, naturais do Vale do Itajaí, foram João Batista Costa e José Stringari, ambos naturais de Luiz Alves. O primeiro é, hoje, bispo de Pôrto Velho, na Amazônia e o segundo integra a comunidade salesiana de São Paulo.

UMA PETIÇÃO DO DR. BLUMENAU

Em 1851, a situação econômica do Dr. Blumenau e a do estabelecimento que êle fundara às margens do Itajaí, era a pior possível. Tendo gasto a pequena fortuna que possuía nos preparativos do estabelecimento colonial que projetara e tendo, já, vindo para cá uma dezena de famílias de agricultores e artífices alemães, êle se via ameaçado de falência e de deixar ao desamparo os patrícios que induzira a acompanhá-lo no arrojado empreendimento. Viu, como única salvação, o recurso ao Imperador D. Pedro II, de quem se tornara amigo. O Imperador o atendeu. Damos, abaixo, cópia do requerimento dirigido, na ocasião, a S. Majestade. Cópia do próprio punho do Dr. Blumenau, existe no Arquivo Público Municipal.

DIZ o Dr. HERMANN BLUMENAU, natural do Ducado de Brunswick, na Alemanha, hoje proprietário de terras e de um estabelecimento rural e industrial nos Rios Itajaí Grande e Mirim desta província de Santa Catarina, que tendo vindo no mês de Junho do ano de 1846 ao Brasil com o intuito, de estudar as vantagens e obstáculos da colonização no Império, recebendo para êste fim as mais honrosas recomendações do Exmo. Visconde d'Abrantes, então ministro plenipotenciário de S. M. o Imperador junto a S.M. o Rei da Prússia e do célebre Barão Alexander de Humboldt, entregou no mês de Agosto do mesmo ano, depois de ter viajado por uma parte da província de São Pedro do Rio Grande do Sul, ao Exmo. Ministro do Império de então, uma petição, dirigida a V.M. o Imperador na qual como primeiro se ofereceu, comprar ao estado terras devolutas e colonizá-las conforme um novo sistema.

Passava-se desde então um prazo de mais de quatro anos; o suplicante o empregava em trabalhos nunca interruptos e estudos zelosos relativos aos negócios da colonização e matérias anexas, funcionando até ao meio do ano de 1848 como agente da companhia Hamburguesa protetora de emigrados alemães do ano de 1846, sendo acreditado como tal no mês de Agosto de 1847, junto ao Governo de V.M. o Imperador, viajando então nas províncias de Rio de Janeiro, Santa Catarina e Rio Grande do Sul e negociando enfim com o Governo da Província de Santa Catarina em favor e por ordem da dita companhia. Dissolvida a mesma e as relações do Suplicante com ela, cuidou em adquirir terras nesta província e arranjar nela um estabelecimento rural e industrial, esperando, poder obrar por tais arranjos e sozinho com suas forças em favor da imigração alemã para esta bela província, com cuja finalidade, deixando o seu nascente estabelecimento, em cuja aptidão e honradez desgraçadamente se enganou — voltava para a Alemanha, no mês de Setembro de 1848.

Viajando por mais de dezesseis meses por grande parte da antiga pátria, entrando com zelo infatigável em negociações e correspondência com o Governo da Prússia, os Corifeus da opposição constitucional do Parlamento prussiano, com muitas outras pessoas de influência na Imprensa e sobre a opinião pública em negócios da emigração e colonização e enfim com diversas companhias e sociedades; deploravelmente os tumultos políticos, as inimizades e a concorrência de uma multidão de agentes de outros países, para os quais até agora se dirigiu a emigração alemã, cujos agentes estigmatizam e difamam por todos os meios lícitos e ilícitos qualquer convite de colonos para o Brasil como sendo "venda de almas", opuzeram ao Suplicante tôda a qualidade de

obstáculos, de maneira que, cansado físico e espiritualmente como estava e unicamente restringido as suas fracas forças, não podia continuar numa tarefa tão árdua e ingrata, e resolveu, deixando atrás de si o manuscrito de uma obrinha sôbre o Brasil meridional e suas relações à colonização e emigração alemã, de cuja obrinha um exemplar está acompanhando a presente petição, não sem viva dor sôbre o mau e infrutuoso resultado de tantos trabalhos e fadigas sustentados por tão longo prazo com a maior dedicação e o mais íntimo amor da causa, voltar ao Brasil onde chegava há cinco meses e achou para grande desgraça sua o seu estabelecimento quase em ruínas e dilapidado grande parte do seu cabedal, engajado naquela emprêsa.

Tornando hoje o suplicante a vir perante o augusto trono de V.M. o Imperador, deve chamar inteiramente alteradas as conjunturas relativas à colonização e emigração em geral, e também as circunstâncias do Brasil muito diversas daquela época de 1846. Não pedindo o suplicante então outra coisa, do que uma superfície de terras, suficiente para uma grande e sistemática emprêsa colonial, por preço muito barato; êste único favor lhe parecia bastante, para poder fomentar melhor a emprêsa, por meio de uma companhia, à qual aquela superfície garantia lucros suficientes para animá-la, tendo já à sua disposição ou fundos necessários para o princípio da mesma emprêsa. NAQUELA época apenas começou a colonização do Texas, sofrendo logo grandes revezes na opinião pública pela miséria dos colonos da chamada "Companhia dos Nobres para Texas"; a emigração alemã para a Austrália foi ainda de pouco importe, vacilante e irregular, do Chile apenas se falava, a Califórnia ainda foi quase desconhecida e os Estados Unidos setentrionais como Canadá ficavam sempre o grande ponto da reunião do emigrados norte-europeus. NESTE momento tem o Brasil a nova lei de terras devolutas, a qual, não obstante ser uma das mais benfazejas para o Império, perdeu muito do seu valor originário pela supressão da taxa sôbre as terras particulares INCULTAS, e não terá na opinião do suplicante, proferida sem antecipar e com tôda a deferência e modéstia, mas também com a mais íntima convicção, quase nenhum efeito em atrair maior parte da emigração europeia, e particularmente da alemã, sem muitos acessórios e expedientes, minuciosos por parte à primeira vista, mas importantíssimos, havendo a mesma lei de lutar na sua execução prática com muitas dificuldades, levando ainda tempo muito precioso, retardando desta maneira, sensivelmente os bons efeitos e impedindo, como parece, ao Governo Imperial, a concluir contratos com companhias colonizadoras, cujo fundamento sempre foi e há de ser a aquisição de uma grande superfície de terras por preço nominal. NESTE momento mais a emigração para Austrália e Texas tem ganho fundamento forte e seguro e linhas regulares de paquetes transportam para lá os emigrados alemães do pôrto de Bremen; o GOVERNO CHILENO lançava mão de expedientes bem calculados para atrair emigrados alemães e mandou há dezoito meses um agente para a Alemanha, o qual já expediu para aquêle país mais de 800 colonos no estio passado; já se fala na Inglaterra e Alemanha de companhias para colonizar na Banda Oriental e em Entre Rios, logo êstes países entrarem na paz e tranquilidade; e enfim e sobretudo a descoberta das riquezas da CALIFÓRNIA com os seus efeitos sôbre o valor das terras cultas e incultas nos Estados Unidos, o qual em consequência da espantosa emigração pelo caminho da Serra dos penhascos já baixava por 25 e 30 por cento em muitas partes; a AGITAÇÃO AGRÁRIA, para garantir e entregar gratuitamente à cada cidadão emigrado 160 acres de terras, nos mesmos Estados e enfim o tumulto e o fanatismo político na Europa já

exercem, e hão de exercer de dia em dia ainda mais e de maneira verdadeiramente assustante, a sua influência sobre a direção da emigração alemã, ameaçando todos os outros países de inteiro e perfeito esquecimento da parte dos emigrados. Todas estas circunstâncias e fora delas a última grande emigração de malcontentes e refugiados políticos das classes afazendadas e bem criadas, os quais por parte tinham e ainda têm grande influência na opinião pública da Alemanha e atraem atrás de si outros parentes e amigos de credo político igual; a incansável e incessante atividade da democracia, a qual espera resolver um dia de novo a Europa e especialmente a Alemanha, com auxílio dos republicanos americanos e procura para reforçar-se, dirigir todos os emigrados para os Estados Unidos; os interesses mercantis e pecuniários crescidos de parte à parte, o número multiplicado e a incrível diligência dos agentes subalternos ou alistadores dos corretores de navios e armadores, em Hamburgo, Bremen, Antuérpia e Hâvre obram em favor dos Estados Unidos o opõem outros tantos obstáculos à força atrativa de outros países e especialmente do Brasil, onde não só precisa edificar quase tudo de novo e do fundamento, que tem relação à colonização, mas ainda lutar contra toda qualidade de prejuízos e prevenções, cujas últimas também na Alemanha foram exploradas com tanta destreza e perfídia pelos inimigos do Brasil.

Apresentando-se agora o suplicante pela segunda vez perante o Governo de V.M. o Imperador com a presente petição e proposta de colonização, não teme, de ser tido por aventureiro, especulador ou vão projetista; pode-se gabar de uma reputação pura e honesta, que não é manchada pela mínima mácula tanto no Brasil como na sua antiga pátria, donde lhe seguiu confiando simplesmente nas suas palavras, um pequeno número de colonos, enquanto a companhia hamburguesa da Colônia de D. Francisca não podia engajar nem um só dos mesmos; pode contar para sua empresa com o apoio moral do Ministro do Interior da Prússia, von Manteuffel, e de outras pessoas distintas e influentes, dos quais possui despachos e cartas particulares que está pronto a apresentar, para provar o dito; a sua obrinha ganhava da crítica alemã imparcial o elogio de ser instrutiva e ser escrita com conhecimento da causa e CONSCIÊNCIA, elogio, que na sua última parte é do mais alto valor para o Suplicante, conduzindo-lhe colonos, caso de poder êle oferecer-lhes bastantes vantagens e grangeando-lhe a confiança dos mesmos, relativa ao fiel cumprimento das promessas feitas, cujo não-cumprimento em tempos passados ainda hoje serve de ponto de ataque aos inimigos e invejadores do Brasil, relações amigáveis com muitas pessoas de todas as classes da sociedade em muitas partes da Alemanha setentrional e central como uma grande parentela, espalhada pelas mesmas regiões, lhe facilitam o engajamento dos colonos e lhe garantem a escolha conscienciosa de gente boa e honesta; e enfim uma longa prática de fabricante, residência e familiaridade no campo e com a gente, que costuma emigrar-se, como as suas experiências no Brasil lhe ensinavam a arte difícil e penosa, de tratar com os emigrados, viver com êles e grangear a sua confiança e afeição,

Submetendo agora o Suplicante à sabedoria e ao juízo esclarecido do Governo de V.M. o Imperador a memória junta, na qual tentava tratar da colonização no Brasil em geral e em especial da colônia agrícola e industrial, que pretende estabelecer nas suas terras, caso grangear êle a confiança e os socorros indispensáveis para o bom sucesso de tal empresa do Governo de V.M. o Imperador, deve pronunciar que nela depositou a sua mais íntima convicção, filha de longos estudos e observações e de uma experiência prática mais que quatrienal, e que os expedientes indicados lhe parecem nas presentes

conjunturas os unicamente applicáveis, para formar colônias efetiva e verdadeiramente bentazejas para o país e poder aproveitá-las duravelmente e para sempre como núcleos, aos quais uma imigração espontânea, o grande fim desejado de tantos esforços do estado, se pode aglomerar e logo depois se deve espalhar sôbre todo o país. Deve ao mesmo tempo mais pronunciar, que os expedientes indicados, **PORÉM APROVADOS RIGOROSAMENTE E EM TODA A SUA EXTENSÃO**, lhe parecem bastantes, para atraírem sem maiores ou por muito tempo continuados sacrificios da parte do estado, uma imigração alemã espontânea, pouco a pouco crescendo e enfim considerável, mesmo depois de acabarem os favores extraordinários à conceder no principio aos colonos, e que, caso o Suplicante ganhar a confiança do Governo Imperial para a applicação dos mencionados expedientes, se crê na posição, de poder garantir como homem de bem e de honra o bom successo da sua emprêsa, a qual há de conduzir ao fim desejado ou com a qual, quando acontecimentos muito improváveis e sinistros arruinarem a mesma, há de sacrificar fortuna e vida suas.

A importância das despesas para tal emprêsa, contemplada por si só, pode parecer avultada a um imperito nestes negócios; não escapará porém à sabedoria do Governo de V.M. o Imperador, examinando atentamente o cálculo das despesas anexo à memória junta, que tôdas são contadas com a maior parcimônia e precisa muita circumspecção, para poder acabar com a quantia indicada à obra em questão. Uma diminuição nesta quantia não embarçaria seguramente um bom principio da mesma obra, mas arriscaria todo o successo e a quantia adiantada mesma, caso não concorrerem tôdas as conjunturas, para favorecerem o desenvolvimento espontâneo da emprêsa.

As terras que o Suplicante pode oferecer para a colônia pretendida, pela menor parte compradas à particulares e pela maior concedidas pelo Governo desta Província em conformidade das leis provinciais, abrangem uma superfície de perto de dez léguas quadradas, as quais hão de bastar para o estabelecimento de ao menos quinhentas famílias. São situadas nas margens dos rios navegáveis Itajaí Grande e Mirim, das mais férteis, e constam de grandes várzeas enxutas com morros de sienito e pedra de areia de formação antiga, pela maior parte pouco escarpados e lavráveis até o cume; não há quase pântanos dentro das mesmas, e os poucos, que tem aos pés de alguns morros, podem se desaguadar com facilidade aos ribeirões vizinhos. O estado sanitário naquelas regiões pode-se pois chamar um dos melhores, não tendo tido nas bandas dos mencionados rios um só ataque da febre amarela nem da disenteria cruenta, que reinavam há pouco em outras partes da província. A posição e outras circunstâncias das terras destinadas à pretendida colônia, se podem pois chamar das mais felizes e favoráveis, e sendo esta província uma daquelas do Império, cujo solo fértil precisa de uma população mais numerosa e industriosa do que é a actual, para melhor desenvolver as suas riquezas e recursos, também por isso o Suplicante está se lisonjeando, que as suas propostas ganharem alguma consideração da parte do Governo de V.M. o Imperador.

Nestas circunstâncias o Suplicante.

P. à V.M. o Imperador. Haja por bem admiti-lo, a contratar com o respectivo Ministro sôbre a fundação de uma colônia agrícola e industrial nas terras do Suplicante, conforme as visitas enunciadas na memória junta.

Itajaí, em 10 de Dezembro de 1850
(ass.) Dr. Hermann Blumenau.

E. R. M.

HISTÓRIA DE ROBALÃO

Celso LIBERATO

Corre por aí que em outros tempos, antigo morador da vizinha povoação de Poço-Grande, encravada entre Gaspar e Ilhota, levantou pequeno cercado provido de covo para a apanha de peixes, na confluência de um ribeirão com o rio Itajaí-Açu.

Acontece que, por fôrça de grossas chuvas despencadas nas cabeceiras, o rio começou a encher rapidamente. E logo tôda a planície de Poço-Grande e adjacências estava submersa.

Com mais umas cargas d'água tudo aquilo era um mar amarelo, uma misturada de troncos de árvores e balsas de aguapés, como é do estilo das grandes cheias.

Foi aí que um senhor robalão que andava a paquerar por aquelas águas novas, de frescuras serranas, caiu na fria de entrar pelo ribeirão.

E lá se foi, feliz da vida, a navegar por águas "nunca dantes navegadas".

E quanto mais navegava mais se fartava das doces e tenras piabas do ribeirão.

Depois do dilúvio, o céu dourado de sol, as águas principia-ram a baixar. E o gostosão foi voltando, a nadar de manso para o largo estuário do rio.

De passagem, uma limpa nos cardumes de peixinhos.

Mas de repente, quando menos esperava, zás! esbarra no cercado de peixes. E lá fica, num desespero danado, para se livrar da esparrela pesqueira.

Quando as águas retornaram ao nível de antes, vai o dono do cercado ver o resultado da pescaria e quase cai de costas ao dar com aquêlê despropósito de escamas e barbatanas a se debater no raso do ribeirão.

Ainda perplexo, toma de sua fogo-central de dois canos e casca-lhe uma carga de chumbo quase a queima escamas.

Uma carga ou duas.

Para muitos, foi o maior robalo pescado no rio. Pescado ou caçado? Também, se não foi o maior foi um dos maiores: vinte e cinco quilos bem pesados.

Sabemos não se esta história de robalão está ouro e fio.

O que sabemos é que estamos vendendo o peixe pelo preço que compramos. — Sem lucro nem água.



Centrais Elétricas de
Santa Catarina S. A.

SETOR BLUMENAU - CX. POSTAL, 27 - AL. DUQUE DE CAXIAS, 63 - END. TEL.: «SETORCELESC» - S. CATARINA